Mãosⁱ

Sherwood Andersonⁱⁱ

Tradução de Sueli Cavendishⁱⁱⁱ

Na varanda meio arruinada de um pequeno chalé, erguido à beira de uma ravina perto da cidade de Winesburg, Ohio, um velho gordinho andava agitado para lá e para cá. Do outro lado de um longo campo que havia sido semeado com alho, mas que produzira apenas uma lavoura densa de ervas daninhas amarelo mostarda, ele via a autoestrada, pela qual uma carroça se movia, levando apanhadores de frutos silvestres que voltavam dos campos. Os apanhadores de frutos, moços e moças, riam e gritavam em tumulto. Um rapaz vestido numa camisa azul saltou da carroça e tentou arrastar consigo uma das moças, que protestava e soltava gritos estridentes. Os pés do rapaz na estrada chutaram uma nuvem de poeira que flutuou sobre a face do sol poente. Por sobre a longa campina veio uma voz fina de garota.

"Ei, você, Wing Biddlebaum, penteie os cabelos, estão caindo nos seus olhos", comandava a voz ao homem, que era calvo e cujas mãozinhas nervosas remexiam a testa branca e nua como se arranjassem um tufo de cachos embaraçados

Wing Biddlebaum, sempre perseguido e amedrontado por um bando de dúvidas espectrais, jamais pensava em si mesmo como pertencendo à vida da cidade onde morava há vinte anos. Entre todos os habitantes de Winesburg apenas um chegara a ser amigo dele. Com George Willard, filho de Tom Willard, o proprietário da Nova Mansão Willard, ele

construíra algo a que se poderia chamar de amizade. George Willard era o repórter da “Águia de Winesburg” e algumas noites caminhava pela estrada até a casa de Biddlebaum. Agora, enquanto andava em vai e vem pela varanda, com as mãos a sacudirem-se nervosamente ao lado do corpo, o velho esperava que George Willard viesse e pernoitasse com ele. Depois que a carroça que levava os colhedores de frutos tinha passado, ele atravessou o campo por entre o capim alto de mostarda e subindo numa cerca à beira da ferrovia escrutinou ansiosamente o caminho que levava à cidade. Por um momento ficou assim, esfregando as mãos uma na outra e olhando a estrada de uma ponta a outra, quando então, dominado pelo medo, correu de volta a andar no terraço de sua própria casa.

< 2 >

Na presença de George Willard, Wing Biddlebaum, que por vinte anos tinha sido o mistério da cidade, perdera um pouco de sua timidez, e sua personalidade sombria, afogada num mar de dúvidas, saiu para olhar o mundo. Com o jovem repórter ao seu lado, aventurava-se na luz do dia até a Rua Principal ou caminhava a passos largos de um lado a outro do terraço arruinado de sua própria casa, falando animadamente. A voz, que tinha sido baixa e tremula, tornou-se aguda e alta. A figura encurvada endireitou-se. Com uma espécie de empuxão, como um peixe levado de volta ao arroio pelo pescador, Biddlebaum, o silencioso, começou a falar, lutando para colocar em palavras as ideias que tinham sido acumuladas em sua mente durante os longos anos de silêncio.

Wing Biddlebaum falava muito com as mãos. Os dedos finos e expressivos, sempre em atividade, sempre tentando esconder-se nos seus bolsos ou nas costas, vieram para o primeiro plano e tornaram-se as hastes do pistão de sua maquinaria de expressão.

A história de Wing Biddlebaum é uma história de mãos. De sua atividade indócil, como o bater das asas de um pássaro aprisionado, que havia dado a ele o seu próprio nome. Algum poeta obscuro da cidade assim o estabelecera. As mãos alarmavam seu dono. Ele queria mantê-las escondidas e olhava com espanto para as mãos quietas e inexpressivas dos outros homens que trabalhavam ao seu lado nos campos, ou que passavam, conduzindo grupos sonolentos por estradas rústicas. Quando falava com George Willard, Wing Biddlebaum fechava os punhos e batia com eles na mesa ou nas paredes da casa. O gesto o

fazia sentir-se mais confortável. Se o desejo de falar o surpreendesse quando os dois caminhavam no campo, buscava um toco de árvore ou a borda de cima de uma cerca e com as mãos batendo freneticamente, falava com renovada calma.

A história das mãos de Wing Biddlebaum merecia um livro em si mesma. Narrada com empatia, revelaria muitas qualidades belas e estranhas em homens obscuros. Era trabalho de poeta. Em Winesburg as mãos tinham atraído atenção simplesmente por causa de sua atividade. Com elas Wing Biddlebaum tinha colhido o considerável volume de cento e quarenta quartos de litro de morangos num dia. Elas se tornaram seu traço distintivo, a razão de sua fama. Elas também tornavam mais grotesca uma individualidade por si só grotesca e elusiva. Winesburg tinha orgulho das mãos de Wing Biddlebaum, no mesmo espírito com que se orgulhava da nova casa de pedras de White, o banqueiro, e do garanhão castanho de Wesley Moyers, Tony Tip, que havia vencido o trote de dois e quinze nas corridas de outono em Cleveland.

Quanto a George, havia muitas vezes desejado perguntar pelas mãos. Algumas vezes uma curiosidade quase invencível tomara conta dele. Sentia que devia haver uma razão para a atividade estranha dessas mãos, assim como sua inclinação para se manterem escondidas e somente um crescente respeito por Wing Biddlebaum o impedia de deixar escapar as perguntas que com frequência habitavam seu espírito.

Uma vez esteve a ponto de perguntar. Os dois estavam caminhando nos campos numa tarde de verão e haviam parado para sentar num banco de grama. A tarde inteira Wing Biddlebaum tinha falado como se estivesse inspirado. Ele havia parado perto de uma cerca e batendo como um pica-pau gigante sobre a borda de cima tinha gritado com George Willard, condenando sua tendência a ser demasiadamente influenciado pelas pessoas que o cercavam. "Você está se destruindo", gritou. "Você tem a inclinação para estar só e sonhar e você tem medo dos sonhos. Você quer ser como os outros desta cidade. Você os ouve falar e tenta imitá-los."

No banco de grama Wing Biddlebaum tentava conduzir sua argumentação a um terreno familiar. Sua voz tornou-se suave e remanescente e com um suspiro de contentamento ele lançou-se numa fala longa e errática, como a de alguém perdido num sonho. Através do sonho Wing Biddlebaum pintou um quadro para George Willard. No quadro os homens viviam de novo numa espécie de idade de ouro pastoral. Por um campo aberto verdejante vinham jovens esguios, alguns caminhando, outros a cavalo. Em grupos os jovens vinham juntar-se aos pés de um velho, que sentado sob uma árvore num pequeno jardim, lhes falava.

Wing Biddlebaum ficou inteiramente enlevado. Por um momento esqueceu das mãos. Vagarosa e furtivamente elas se deslocaram e pousaram sobre os ombros de George Willard. Algo novo e ousado se introduzira na voz que falava. "Você deve tentar esquecer tudo o que aprendeu", disse o velho. "Você deve começar a sonhar. De agora em diante deve tapar os ouvidos ao rugir das vozes. "

Com uma pausa do discurso, Wing Biddlebaum olhou longa e seriamente para George Willard. Seus olhos brilharam. De novo ele ergueu as mãos para acariciar o rapaz e então um olhar de horror varreu-lhe a face.

Com um movimento convulsivo do corpo, Wing Biddlebaum saltou sobre os próprios pés e enfiou as mãos bem dentro dos bolsos de suas calças. Lágrimas subiram-lhe aos olhos. "Preciso voltar para casa. Não posso mais falar com você", ele disse nervosamente.

Sem olhar para trás, o velho tinha descido ladeira abaixo e atravessado um prado, deixando George Willard perplexo e amedrontado sobre a encosta coberta de grama. Com um arrepio de medo o rapaz levantou-se e caminhou pela estrada em direção à cidade. "Eu não vou perguntar-lhe sobre as mãos, " pensou, sensibilizado pela memória do terror que tinha visto nos olhos do homem. "Há algo errado, mas não quero saber o que é. As mãos dele têm algo a ver com seu medo de mim e de todos. " E George Willard tinha razão.

Vamos examinar brevemente a história das mãos. Talvez falar nelas desperte o poeta que contará a oculta e surpreendente história da influência para a qual as mãos não eram mais que adejantes flâmulas de presságio.

Em sua juventude, Wing Biddlebaum tinha sido um mestre escola numa cidade da Pensilvânia. Ele não era conhecido como Wing Biddlebaum, mas respondia pelo nome menos eufônico de Adolph Myers. Como Adolf Meyers, era muito amado pelos rapazes da sua escola.

Adolph Myers estava destinado pela natureza a ser um professor de jovens. Era um daqueles homens raros e incompreendidos que regiam por um poder tão suave que passava por uma gentil fraqueza. Em seu sentimento pelos rapazes sob sua guarda tais homens não são diferentes das mulheres mais admiráveis em seu amor pelos homens. E mesmo assim essa é apenas uma afirmação inepta. É preciso que entre o poeta aqui.

Com os rapazes da sua escola, Adolf Myers havia caminhado à noite ou havia sentado para conversar nas escadas, perdido numa espécie de sonho. Para lá e para cá moviam-se as mãos, acariciando os ombros dos rapazes, brincando com seus cabelos em desalinho. À medida que falava sua voz tornava-se suave e musical. Havia carinho nela, também. De certa forma a voz e as mãos, o acariciar dos ombros e o toque nos cabelos eram parte do esforço do mestre escola para levar o sonho aos jovens espíritos. Pelo carinho que havia nos dedos ele se expressava. Era um daqueles homens em quem a força que cria vida é difusa, não centralizada. Sob o carinho de suas mãos a dúvida e a descrença sumiam do espírito dos rapazes e eles também começavam a sonhar.

E veio então a tragédia. Um rapaz estulto da escola enamorou-se do jovem mestre. Na cama, à noite, imaginava coisas indizíveis e na manhã seguinte punha-se a contar seus sonhos como se fossem fatos. Acusações estranhas e terríveis escapavam de seus lábios frouxos. Por toda a cidade de Pensilvânia passou um arrepio. Dúvidas ocultas e sombrias que habitavam a mente dos homens com respeito a Adolf Myers foram galvanizadas em crenças.

A tragédia não demorou. Moços trêmulos foram arrancados da cama e inquiridos. "Ele pôs seus braços em volta de mim," disse um. "Seus dedos estavam sempre brincando nos meus cabelos, " disse outro.

Uma tarde um homem da cidade, Henry Bradford, que era proprietário de um salão, veio até a porta da escola. Chamando Adolf Myers até o pátio começou a bater-lhe com os punhos. Enquanto as duras juntas batiam no rosto aterrorizado, sua fúria tornava-se cada vez mais paroxística. Gritando de pavor, as crianças corriam de um lado a outro como insetos agitados. "Vou lhe ensinar a não botar a mão no meu menino, seu animal", "vociferava o dono do salão, que, cansado de bater no mestre, tinha começado a chutá-lo no pátio.

Adolf Myers foi expulso da cidade de Pensilvânia à noite. Com lanternas nas mãos uma dúzia de homens veio à porta da casa onde ele morava sozinho e ordenaram que ele se vestisse e saísse. Chovia, e um dos homens tinha uma corda nas mãos. Eles tinham a intenção de enforcar o mestre-escola, mas algo na figura dele, tão pequena, branca e deplorável, tocou-lhes o coração e eles o deixaram escapar. Enquanto ele fugia na escuridão os homens se arrependeram de sua fraqueza e correram atrás dele, praguejando e atirando pedaços de pau e grandes bolos de lama na silhueta que gritava e corria cada vez mais rápido para dentro da escuridão.

Durante vinte anos Adolf Myers vivera sozinho em Winesburg. Ele só tinha quarenta anos, mas parecia ter sessenta e cinco. O nome Biddlebaum retirou de uma caixa de mercadorias vista numa estação de cargas enquanto atravessava uma cidade do leste de Ohio. Tivera uma tia em Winesburg, uma velha com um dente enegrecido que criava galinhas e com ela morou até que ela morreu. Estivera doente um ano inteiro depois da experiência na Pensilvânia, e depois que se recuperou trabalhou como apanhador nos campos, perambulando timidamente e tentando esconder as mãos. Embora não compreendesse o que acontecera, sentia que as mãos deviam ser culpadas. Vez após vez os pais dos garotos tinham falado de suas mãos. "Ponha suas mãos para lá", o gerente do salão rugira, dançando furiosamente no pátio da escola.

Na varanda da sua casa perto da ravina, Wing Biddlebaum continuou a andar de um lado a outro até que o sol tinha desaparecido e a estrada para além do campo perdera-se em sombras pardas. Entrando em casa ele cortou fatias de pão e espalhou mel sobre elas. Quando o estrondo do trem noturno que recolhia os vagões carregados com a colheita diária

dos bagos de frutas havia passado e restaurado o silêncio da noite de verão, ele voltou a caminhar na varanda. Na escuridão ele não podia ver as mãos e elas se aquietaram. Embora ainda desejasse a presença do rapaz, que era o meio pelo qual ele expressava seu amor pelos homens, o desejo tornou-se novamente parte de sua solidão e de sua espera. Acendendo uma lâmpada, Wing Biddlebaum lavou os poucos pratos que haviam se sujado na sua refeição frugal e, estendendo uma cama dobrável perto da porta de tela que levava ao terraço, começou a se despir. Umas migalhas de pão branco se espalhavam no chão criteriosamente lavado sob a mesa. Colocando a lâmpada sobre um banco baixo ele começou a catar as migalhas, levando-as à boca uma a uma com rapidez inacreditável. Na densa mancha de luz sob a mesa, a figura ajoelhada parecia um padre ocupado numa cerimônia qualquer da igreja. Os dedos expressivos e nervosos, surgindo e sumindo em seu vai e vem pelo campo de luz, podiam muito bem ser confundidos com os dedos de um devoto, percorrendo velozmente dezena após dezena do seu rosário.

ⁱ <https://americanliterature.com/author/sherwood-anderson/book/winesburg-ohio/hands>

ⁱⁱ Sherwood Anderson - (1876 - 1941, Camden, [Ohio](#), U.S.) Autor que integrou a chamada “geração perdida”, sua prosa recebeu a marca do coloquialismo de Gertrude Stein. Exerceu considerável influência sobre autores notáveis, como Ernest Hemingway e William Faulkner, que a ele ficaram devendo a publicação dos seus primeiros livros. Faulkner e ele dividiram a mesma casa em New Orleans durante certo tempo. Anderson notabilizou-se principalmente como contista, mas possui títulos importantes também no terreno da novela e do romance, como *Windy McPherson's Son* (1916), *Marching Men* (1917) e *Poor White* (1920)

ⁱⁱⁱ Sueli Cavendish – Profa. Associada 2 (aposentada) da UFPE. Ensaísta, tradutora e editora.

<https://americanliterature.com/author/sherwood-anderson/book/winesburg-ohio/hands>